



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Finge

AUTOR

Carlos J. Pessoa

ANO

2013

2016 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

Centro de Dramaturgia Contemporânea

www.uc.pt/org/centrodramaturgia

AUTOR

Carlos J. Pessoa

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

António Barros

Pedro Góis

© Maio 2016
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de
dramaturgia
contemporânea

TÍTULO

Finge

AUTOR

Carlos J. Pessoa

ANO

2013

Este texto teve estreia em 2013
no Teatro Taborda, em Lisboa.
Texto, encenação e conceção
plástica de Carlos J. Pessoa.

2016 Coimbra



Carlos J. Pessoa

1966. Nasceu em Lisboa. Tem o Curso de Formação de Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema e a Licenciatura em Teatro e Educação pela mesma escola, onde é professor e coordenador pedagógico-artístico do Mestrado em Teatro, especialização em Encenação. Tem o título de Especialista em Teatro - Encenação, atribuído pelo Instituto Politécnico de Lisboa. Fez a pós-graduação e o curso de doutoramento em Ciências da Comunicação, Variante Comunicação e Artes, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É cofundador e Diretor Artístico do Teatro da Garagem. Desde 1989, foi o autor e encenador da quase totalidade dos 81 espetáculos que a companhia apresentou. Tem publicadas as peças levadas à cena e diversos artigos sobre teatro. Em 1992 recebeu uma Menção Honrosa do prémio Madalena de Azeredo Perdigão, pela encenação de *A Cidade* de Fausto; em 1993 recebeu o Prémio Texto de Teatro do Teatro na Década, do Clube Português de Artes e Ideias, pela peça *Café Magnético*; em 2000 foi-lhe atribuído o Prémio CyberKyoske99 - Género de Drama, pela peça *Desertos / evento didáctico seguido de um poema grátis*; em 2003 recebeu uma Menção Especial, pelo espectáculo *Circo*, da Associação Portuguesa de Críticos de Teatro; em 2009 foi-lhe atribuído o Prémio de Melhor Texto Original Português do Guia de Teatros pelo texto *On the Road*, ou a hora do arco-íris; em 2014, o texto *Finge*, de sua autoria, foi nomeado na Categoria de Teatro - Melhor Texto Português Representado, para o Prémio Autores, atribuído pela Sociedade Portuguesa de Autores.

—
VERSÃO FEVEREIRO 2015

PERSONAGENS (POR ORDEM DE ENTRADA)

CAMALEÃO 1 — Nuno Nolasco

CAMALEÃO 2 — Nuno Pinheiro

CAMALEÃO 3 — Miguel Mendes

CAMALEÃO 4 — Ivo Melo

SOFIA — Ana Palma

MELANIE — Francisca Moura

MARTA — Maria João Vicente

MAYA — Ana Palma

ADRIANA — Beatriz Godinho

VANDA — Francisca Moura

CAMALEÃO 1 (*contracena com colchão*) — Fica tu, e tu, fica tu também! Fica comigo, fiquemos a tarde inteira abraçados! As minhas meias cheiram mal, as tuas meias cheiram bem, mas eu tiro-as, eu tiro-te as meias, eu não me importo! Podemos tomar banho juntos, calçar as meias juntos, calçar juntos os sapatos, podemos trocar de roupa interior, podemos ouvir discos a tarde inteira, uma e outra vez, repetir as mesmas músicas, uma e outra vez!

Quem sabe do amor é o Júlio Roberto! Aquele que diz que o amor é isto e aquilo, que tem uma lista para tudo, até para o amor! Por isso ele sabe o que é o amor, o Júlio Roberto, porque tem uma lista. Quem tem uma lista tem quase tudo! Só é preciso procurar o que faz parte da lista! O que é que faz parte da tua lista, diz-me, diz-me por favor? Queres malaguetas? Queres anonas? Queres viajar até à Escócia? Dizes-me que no Egipto te trataram como uma rainha? Ainda há teocracia no Egipto? Só me lembro de Alexandria e de querer ficar em Alexandria, de querer ficar no cheiro e na literatura de Alexandria, mas isso é outra música, dessa que ocupa as tardes inteiras que passamos juntos, abraçados um ao outro.

Fica, fica com os teus caracóis, fica com o teu cabelo liso e espesso, como fios de prata finíssimos, fica com o teu nariz partido, fica com o teu hálito a cigarros, fica com o teu estrabismo! Sempre que choravas dava-me cá uma vontade de rir! Cada olho chorava para seu lado, desavindos na direcção das lágrimas! Nunca conseguia levar a sério o teu sofrimento, já que os teus olhos se contrariavam entre si... Afinal de contas, se eras enganada por outro, tanto mais me enganavas a mim!

Fica tu também que conheci tão pouco! Fica com o teu ar solene de mulher impossível, a quem eu espreitava as notas na pauta do liceu. Sabia de cor todas as tuas disciplinas, e o teu nome completo: a minha lição mais bem sabida! Fica, matéria de sonhos que nunca ficaste, tu que ficaste mais que todas as outras, tu que ficas, será? Tu que estás aqui, que te sei aqui, apesar de envelhecida, apesar de não haver segunda oportunidade, apesar de não te reconhecer! És tu? Mudaste tanto, caramba! Mentiras, mentiras, tantas mentiras e contudo sempre a querer, no fundo, tão só e apenas, que ficasses, que ficássemos juntos para sempre. Fica. Fica de azul, de vermelho, eu visto essa camisola se quiseses, essas calças aos quadradinhos, esse paletó ridículo, eu visto-me de sacerdote, de electricista, seja lá isso o que for. Se a aparelhagem avariar, há que saber resolver o assunto para que não cessem as musas para que te possa ouvir a ti, a ti e a ti! Não cessem musas, não fujam! Fiquem! Fica!

Dá-me a mão, desperta em mim o acorde da manhã com pequenos-almoços de ovos mexidos com bacon, fica de tarde, quando o estore semi-cerrado mostra em quadrados perfeitos a dança da poeira em que seremos eternos, fica de noite ou então traz-me um sorriso, traz-me um sorriso às três da manhã! Não mais que três da manhã, que não aguento a espera! Fica. Já vivi tanto, já vivemos tanta coisa, juntos, que temos de permanecer juntos! Permanece, porque é urgente que fiques, porque ficares é tudo! Fica, amor, como certas certezas que o infinito instala para nos lembrar que é infinito; fica, como a doença que nos corrói para provar a nossa finitude; fica, como a soma do que tinha para te dizer e não disse, como o palavreado todo em que esgotei vocabulário e gramática, como o pobre silêncio com uma única moeda no fundo do bolso: fica. Fica, amor, grão de sal perdido na babel

quotidiana: fica, fica, stay, stay... As caras, olhos, bocas, seios, cheiros e cabelos são parte de mim transmigrado em infinitésimos irrecuperáveis. Ficar, não sabias, é apenas alívio breve! Fica enquanto tudo se desvanece: fica, fica, stay, stay...

CASA DO FRIO

CAMALEÃO 1 (*adormecido sobre um colchão que serve de cenário a todo o espectáculo*)

Os **CAMALEÕES 2,3 e 4** são projecções do **CAMALEÃO 1**, hipóteses dele próprio, como se a identidade pudesse ser um conjunto de ficções; histórias a partir de si em contextos de casa de passe; a penetração/compreensão faz-se de um modo transgressor, como experiência erótica e poética na perseguição da musa fugidia; do poema e do corpo, enfim, em devir. O amor ser assim, por hipótese, uma combinação de sujeitos sem necessária ligação entre si ou em que o amor os liga, efemeramente, provisoriamente, nesse acampamento onde és saciado e te preparas para a continuação do movimento, a vida, dentro e fora de ti.

CAMALEÃO 2 (*tem jarra com flores*) — Hoje acordei, de novo, a verter lágrimas por dentro.

CAMALEÃO 3 (*afia faca*) — Mais frio cá dentro, que lá fora. O frio de fora mais doce que o frio de dentro. Água gélida. Sorrir, sorrir, sim, de uma dor necessária.

CAMALEÃO 4 (*varre o chão*) — O luto é, talvez essa coisa de morrer em vida, de adornar o júbilo de Ser com um regramento pontual, cuidadosamente descuidado, remirando, na noite, promessas. Mistério? Uma nuvem! Uma nuvem que não se assemelha a nada...

CAMALEÃO 2 — Hoje acordei, de novo, desinstalado, longe do que quer que tenha sido. Um estranho, talvez, a combinar arranjos florais.

CAMALEÃO 3 — Antigos inimigos surgem como aparições santas.

CAMALEÃO 4 — Varrer, varrer, pausadamente.

CAMALEÃO 2 — Um insecto incomodativo.

(*som de pássaros*)

CAMALEÃO 3 — Pássaros negros, desorientados, em voo picado, vazando-me os olhos. É preciso que doa até não doer... O sangue escorre das orbitas vazadas, pausadamente. Exigir, por uma vez, uma só vez, a palavra Perdão.

CAMALEÃO 2 — Só conheço uma única forma de libertação do jugo de Cronos: morrer em vida. Entregar-me à elaboração paciente de uma natureza morta.

CAMALEÃO 3 (*a Camaleão 4*) — Agora esfaqueio-te! Sente a faca, shiu, devagar... devagar...

CAMALEÃO 4 – Sem memória, sem sinais... sequer o trânsito de uma só pluma.

CAMALEÃO 3 – Cronos perdeu! Perdeu! Sentes o sangue a escorrer-te do corpo? Uma origem que se dissolve como açúcar na água, um rugido que parece fazer ecoar a palavra Gratidão.

CAMALEÃO 4 – Devo agradecer-te, é?

CAMALEÃO 3 – Queres que te cosa?

CAMALEÃO 4 – Não sei...

CAMALEÃO 2 – Hoje acordei borboleta, não vi senão flores de Lautrec, e fiquei atordado com palavras desconhecidas que se desprendiam numa cultura que parecia vicejar, o “antes de tudo”, a “experiência transgressora”.

CAMALEÃO 4 – Estive e estarei, delicadamente, suspenso, na ferida aberta, como um selo postal entre as comissuras dos lábios.

CAMALEÃO 2 – A beleza é o luto sublime, chorar todas as mortes e nenhuma, lembrar a todos e a ninguém. A fraternidade que sinto por ti é proporcional ao desprezo que me acompanha, isso não é estratégico, é substantivo. Que posso fazer? Sorrir? Enchanté!...

CAMALEÃO 4 – Deixei de estar na nuvem que se fazia símile de coisa nenhuma. Céu limpo, limpo. Não existe um céu totalmente limpo! O derradeiro horror é a atomização da dignidade humana.

CAMALEÃO 2 – Não, não.

CAMALEÃO 3 – Quero despedaçar-me, ainda mais, para que possa escapar do jugo da melancolia. Ouviram? Ouviram bem?

CAMALEÃO 2 – Não podes, não podes! Cada pedaço é uma semente de melancolia, sementes espalhadas e dispersas que irão desabrochar como flores de Lautrec. E como são belos! Enchanté madame!

CAMALEÃO 4 – Algum calor, algum calor, mínimo, entropia clandestina, levou-me, invisível, para esse lugar onde vagueiam, pedaços de humanidade. Se o que se move mata também ressuscita. Primeiros socorros.

CASA DE SOFIA 1

SOFIA — Camaleão, acorda, acorda Camaleão! Não devemos desperdiçar comida, sobretudo a carne. Dá muito trabalho criar os animais! Brincadeiras são para garotos.

CAMALEÃO 1 — Já estiveste nas grutas de Aracena? A rapariga mais bonita do mundo trabalhava numa loja de recordações; vendia postais! Desceu os degraus quatro a quatro, ia com pressa...

SOFIA — Pressa porquê?

CAMALEÃO 1 — Muitos turistas.

SOFIA (*íronica*) — Não estás a ser sincero.

CAMALEÃO 1 — Ela tropeçou, caiu, esfolou os joelhos, as palmas das mãos e os cotovelos...

SOFIA — E a cara?

CAMALEÃO 1 — A cara... Ela ficou sem os dentes da frente, estes aqui...ficou com a boca a escorrer sangue.

SOFIA — Não estás a ser sincero! Isso não aconteceu com a rapariga de Aracena! Essa é outra história! (*em transe*) A rapariga dos dentes partidos ia a correr atrás de uma camioneta, de caixa aberta, na recta do seminário, aquela, lembras-te? Ladeada de ciprestes. O senhor Silva tinha feito a poda de inverno e não viu os garotos a correrem atrás da camioneta a tentarem apanhar boleia à socapa.

A rapariga lançou-se para a frente, de braços e mãos estendidas, mas não conseguiu agarrar-se e caiu. Pararam.

CAMALEÃO 1 — Quem?

Sofia — Tudo parou! O tempo parou. (*sinistra*) Depois, lentamente, ela começou a correr, cada vez mais depressa, e a gritar, cada vez mais alto, pela recta do seminário a fora, ladeada de ciprestes, com o sangue, o sangue, a escorrer-lhe da boca.

CAMALEÃO 1 — A boca dela era a gruta de Aracena, a gruta de Aracena!

Sofia — São várias grutas. (*atrapalhada*) Várias mulheres, cada uma com a sua casa, a minha é a Casa de Sofia! Sofia... A rapariga, a rapariga de... Aracena, Aracena, parecia um Cristo mas... Ela começou a chorar de aflição...

CAMALEÃO 1 — Foi? Aflição...

SOFIA (*afrita*) — Sim, sim, tanta aflição, ela tem que fazer e ... não pode, nesta altura... estou atrasada, tanta coisa... Não os posso abandonar, numa altura destas! É a minha obrigação! Não os posso abandonar, não consigo...

CAMALEÃO 1 — Não precisas de sofrer assim tanto! Tens de deixar de sofrer! Deixa de sofrer...

SOFIA (*fria*) — Põe-te no meu lugar!

CAMALEÃO 1 — Não me posso pôr no teu lugar.

SOFIA — Podes ao menos tentar compreender-me...

CAMALEÃO 1 — Encharcar-me de emoções como uma chuvada intensa; apanhar uma grande molha; ir de mota sempre a acelerar contra a chuva...Era capaz de adormecer assim e não cair, não cair...

SOFIA (*zangada*) — Como é que tens a lata de achar que me amas? Como?

CAMALEÃO 1 — Não cair, não cair...

SOFIA (*contente*) — Finge, finge!

CAMALEÃO 1 — Não cair, não cair...

SOFIA — Finge, finge...

CAMALEÃO 1 — Achas que vou conseguir?

SOFIA (*maternal*) — Não tropeces nos degraus de Aracena, não tentes ir à boleia do senhor Silva na recta do seminário, ladeada de ciprestes, não faças isso, não faças isso! Finge, finge...

CAMALEÃO 1 — Não quero ver, quero dormir, a boca aberta a sangrar! Meter o pénis na boca a sangrar. Não quero ver! Não quero compreender.

SOFIA — Finge, finge... finge...

CAMALEÃO — Ficar quieto, em equilíbrio... Acelero a mota, acelero mais, mais... chove intensamente em Aracena. Não vou cair... Adormeço... acelero mais, não caio.

CASA DE MELANIE

MELANIE — Pedi ao tribunal para ser notificada se ele saísse da prisão. Passei pelo tribunal e perguntei como estava a decorrer o processo. O Camaleão já tinha sido libertado. A justiça não funciona. O Camaleão é... ah, a principio até parecia... ele...

CAMALEÃO 3 — A menina é uma vaca ou uma menina?

MELANIE — Desculpe?

CAMALEÃO 3 — É uma vaca ou uma menina?! Se for menina eu saio já e não me volta a pôr a vista em cima: eu não lhe quero voltar a pôr a vista em cima! Percebeu?

MELANIE — Sim...

CAMALEÃO 3 — Sim, o quê? Gosta de passear no pinhal, à beira-mar? Não diga nada! Cala-te ou parto-te a boca toda! És uma vaca compreendes? Compreendes, porque é que és uma vaca? Porque gostas de passear no pinhal à beira-mar! É claro para ti? Pinhal à beira-mar, passeio, vaca! Vaca!

MELANIE — Idiota!

CAMALEÃO 3 — Menina, espere, por favor! Tem telemóvel? Pode emprestar-me? Tenho que enviar um sms; é rápido! Por favor menina?

MELANIE — Está aqui...

CAMALEÃO 3 — (*escreve sms*) Encontrei uma vaca! Stop. (*para Melanie*) Vai à merda, vaca estúpida, eu tenho de... espera... tenho de enviar outro sms, a dizer que vou chegar tarde: vou chegar tarde.

MELANIE — Tens alguém à espera?

CAMALEÃO 3 — Claro que tenho alguém à espera! Tenho montes de gente à espera! Tenho uma lista de contactos que nunca mais acaba! Queres ver, queres ver... onde é que pus a merda da lista! Estás a rir-te de quê, vaca de merda?

MELANIE — Eu sou a Melanie, de Mel; sou docinha! Não sou impaciente como tu! Gostas da Melanie? Queres que a Mel te faça feliz? Queres ser feliz? A Melanie não te faz mal, a Mel só quer o teu bem, o teu prazer...

CAMALEÃO 3 — Não me toques vaca de merda, não me toques! Quanto é que custas? Queres dinheiro é isso?

MELANIE — Só paga no fim, só paga no fim! Com a Melanie é assim, assim, maravilhosa, Mel! Queres tomar um banho? Estás sujo! Queres dançar? Estás tenso... Queres conviver? Estás murcho!

CAMALEÃO 3 — O meu nome é Camaleão e rebento-te toda senão...

MELANIE — Tu és bem parecido Camaleão! Aposto que tens um monte de namoradas a correrem atrás de ti! Eu não corro...

CAMALEÃO 3 — Sabes o que é que faz uma vaca num pinhal à beira-mar? Rumina ervas! As vacas têm quatro estômagos e...

MELANIE — Comigo são só 60 minutos, massagem mais convívio! Não tenho mais tempo. Tenho a minha mãe à espera.

CAMALEÃO 3 — Tens mãe?

MELANIE — Claro, a minha mãe ensinou-me tudo, tudo! Hesitar, hesitar... melhor momento para atravessar... Não sou uma vaca, não sou uma vaca!

CAMALEÃO 3 — A minha mãe levava-me a ver as vacas! Quer dizer o meu pai é que queria que fôssemos todos os domingos ver as vacas. A minha mãe dizia que as mulheres, as prostitutas, eram as vacas! Eu nunca tinha visto uma vaca. Tu és uma vaca e eu vou...

MELANIE — Pobre alma! Pobre alma! Não vais nada, estás tão assustado que metes pena. Vou cantar para ti, vou dar-te o repouso final do guerreiro.

CAMALEÃO 3 — Mas eu não fui à tropa!

MELANIE — Que descaramento! Então o menino não foi à tropa? Devias, tu devias, tu devias e não devias, tu devias ter tido juízo, devias ter feito, devias e não fizeste! Fizeste mal! Devias ter feito e fizeste mal!

CAMALEÃO 3 — Larga-me Mel, larga-me! Ajuda-me a dormir, ajuda-me a dormir, ajuda-me Melanie! Eu queria escrever, escrever versos, quando tinha aquela idade própria para escrever versos.

MELANIE — Versos com idade então, coisa infantil...

CAMALEÃO 3 — Não é infantil! Onde é que te levaram as tuas certezas? Onde é que te levou tudo aquilo que te ensinaram e em que acreditaste piamente? Ajuda-me a telefonar, ajuda-me a telefonar! Ajuda-me a não telefonar, a não telefonar!

MELANIE — A mim só me ensinou a minha mãe. E a ti? O que é que a tua mãe te ensinou?

CAMALEÃO 3 — Fui rei, fui mendigo... não sou nada, nada! Cadáver adiado... um frio infernal, dormir duas horas, acordar, dormir duas horas, acordar... A dormir. A telefonar. A não telefonar.

MELANIE — Parece uma disciplina tão castrense! Afinal sempre foste à tropa! Estás na tropa querido? Os magalas precisam tanto de amor, vem cá que estou em brasa, acende o meu forninho! Isso, mete tudo, tudo bem fundo, como a Mel gosta, bem fundo, isso, isso...

CAMALEÃO 3 — Onde estive, onde estou, onde é que estás, onde estás, estás onde, onde estás, onde estás amor? Finge, finge...

MELANIE — Isso, estou a gozar, estou a gozar!...

CAMALEÃO 3 — Onde estás?

MELANIE — Estou contigo amor... isso...

CAMALEÃO 3 — Que trazes contigo?

MELANIE — Que trazes contigo?

CAMALEÃO 3 — Não repitas o que digo, merda!

MELANIE — Porque é que paraste?

CAMALEÃO 3 — Finges mal, finges mal!

MELANIE — Tu é que não sabes fingir percebes meu cretino! Tu é que não sabes fingir!

CAMALEÃO 3 — O que trazes contigo?

MELANIE — Não pares, não pares cão do caralho!... Rumores. Murmúrios. Água fria. Pronto-socorro... Ah, caralho!

CAMALEÃO 3 — O momento...

MELANIE — Deixa-me tocar-te!

CAMALEÃO 3 — Toca-me.

MELANIE — Bate-me. Com força, mais força! Bate-me, bate-me!

CAMALEÃO 3 — Toca-me.

MELANIE — As tuas mãos cheias de Graça; as tuas mãos cheias de Graça! Toca-me!

CAMALEÃO 3 — Bate-me. Não aguento mais viver.

MELANIE — Ninguém aguenta.

CAMALEÃO 3 — Não aguento.

MELANIE — Aguenta, cabrão, isso, fode devagar!

CAMALEÃO 3 — Bate-me.

MELANIE — Toca-me! Vês? Dedos de fada, dedos de fada!

CAMALEÃO 3 — Bate-me.

MELANIE — Dá, dá, dá-me lá esse caralho!

CAMALEÃO 3 — Dói!

MELANIE — Vais habitar pela primeira vez o teu novo lar, percebes, cão?

CAMALEÃO 3 — A corda ao pescoço, o veneno, o comboio...

MELANIE — Errar é humano, duas vezes é burrice! Finge, finge, meu merdas, finge!... Aprende! Falta-te emprego, estás doente, foste abandonado como uma velhinha? Finge, finge...

CAMALEÃO 3 — Vou-te perseguir a vida inteira!

MELANIE — Ainda bem! Nada como uma boa foda para encontrar um ideal de vida.

CASA DE MARTA

CAMALEÃO 2 — Sabes o que é ser possuída um dia inteiro por gajos nojentos?

MARTA — Sei e até gosto; se passo três dias sem orgasmo fico logo agoniada, dores de cabeça, até parece que estou com o período! Quem é que não gosta de foder? Não podes fazer disto um vício! Foder é bom, faz bem. És limpinha? Ele há meninas que são umas cabras para os clientes! Namorar? Namorar?! Para quê? Tive um cliente, outro dia, que se apaixonou e ficou logo sem 10.000 euros! Já viste? Mas tu estás triste, mulher! Nós temos de tratar de nós! Olha eu vou a Espanha numa daquelas excursões de 40 euros e fico logo a sentir-me melhor. Até me venho quando passo a fronteira! Olé! Trabalhas para mim. Eu sou a Marta! Sabes que Cristo foi feliz em Casa de Marta? Marta! Marta! És completa? Fazes anal e mamas bem? Vem mamar aqui na minha coninha, isso mama a Marta, mama-me bem, isso querida! Até passas o teste, sabias? Ficas na Casa, precisas arranjar o cabelo e fazer a depilação. Não te esqueças de fazeres clisteres, tens de ginastacar o botão de rosa com postigos, começa com bananinhas da Madeira! Minha linda Camaleoa, vou-te chamar Filipa da Macedónia, que deu à luz Alexandre, o Tarado! Ah, dá cá um beijo à tua mamã Marta. Cristo foi feliz aqui, sabias? Tenho de ir passear o Bolinhas! Não vês como esta agitação o perturbou? És insensível? Tens fé? Vais à igreja?

CAMALEÃO 2 — Qual igreja?

MARTA — A dos Quatro Caminhos!

CAMALEÃO 2 — Norte, Sul, Este e Oeste?

MARTA — O Pastor é fantástico! Ilumina muitas almas. Muitas mesmo! Eu sinto desprezo pelo meu ex-marido. Ele é bom pai. Mas eu sinto desprezo pelo que ele me fez. Não perdoo.

CAMALEÃO 2 — Mas se é bom pai...

MARTA — Desprezo.

CAMALEÃO 2 — Sim...

MARTA — Isso é iluminação!

CAMALEÃO 2 — O desprezo?

MARTA — O que é que tu sabes da “iluminação provinda do desprezo” minha camaleoa epiléptica?

CAMALEÃO 2 — Esse pastor deve ser mesmo bom!

MARTA — Não digas “bom”! “Isso é muito bom, isso é muito mau!” Diz, gostoso! Gostoso. Vem do âmago!

CAMALEÃO 2 — Âmago ou gosto?

MARTA — Tu gostas, ou não gostas, Camaleoa! Não dizes que é bom! É bom porquê?

CAMALEÃO 2 — Porque gosto?

MARTA — Ora estás a ver, porque gostas!

CAMALEÃO 2 — Mas tu saboreaste, de alguma forma, o pastor?

MARTA — Virgem Maria, por Amor de Deus! É tudo muito luminoso-espiritual-completo! Sabes, há muita gente enganada que só vai à igreja para ser vítima de extorsão? Ficam lisos até ao último cêntimo: ele é pagar por isto, por aquilo, são dizimados pelo dízimo!...

CAMALEÃO 2 — Terrível!

MARTA — Não é nada terrível!

CAMALEÃO 2 — Não!

MARTA — Deus concede as graças, na mesma, porque a fé é muita, compreendes?

CAMALEÃO 2 — Escreve direito por linhas tortas?

MARTA — Muito tortas mesmo; mas escreve, lá isso escreve, direito...

CAMALEÃO 2 — Assim-assim... direito!

MARTA — Eu não estou só. Deus cuida.

CAMALEÃO 2 — Eu acho-te inteligente. Ligas as coisas... por exemplo, o guardanapo... Tu deste-me o guardanapo que estava debaixo do prato das amêijoas... Eu, desajeitado como sou, tinha deixado cair o meu guardanapo... Tu percebeste e foste inteligente, quer dizer acho que foste mais do que inteligente, foste gentil! Foste gentil comigo e agradeço-te. Dá-me ternura. Obrigado.

MARTA — Tu falas pouco de ti Camaleão. Tens o cabelo bonito! Eu falo, falo, não preciso inventar história nenhuma, nenhuma personagem; sou só eu.

CAMALEÃO 2 — Cheiras bem!

MARTA — Já sabes como sou safada... Sem orgasmos fico com nervos!

CAMALEÃO 2 — Eu gostava de ficar parecido com o Brad Pitt naquele anúncio que ele faz a uma camisa aos quadrados, vermelhos e pretos! Sabes qual é? Adorava ter aquela barba loura e espessa, aqueles cabelos compridos, os lábios grossos... Tal e qual o Brad Pitt!

MARTA — Mas o sujeito que faz esse anúncio não é o Brad Pitt!

CAMALEÃO 2 — Tens a certeza?

MARTA — Absoluta!

CAMALEÃO 2 — É o Brad Pitt mesmo que não seja o Brad Pitt, compreendes? Por Nossa Senhora! Quero ficar parecido com aquele Brad Pitt! Aquele tipo com a camisa aos quadrados vermelhos e pretos!

MARTA — Mas tu tens o cabelo preto, querido...

CAMALEÃO 2 — Pinto-o ou ponho uma cabeleira!

MARTA — As minhas mamas são naturais, tal qual Deus me pôs no mundo!

CAMALEÃO 2 — Tu, o teu Deus e as tuas mamas!

MARTA — Não tiras os olhos delas!

CAMALEÃO 2 — Sabes, nós não pensamos o Mundo mas aquilo que queremos pensar dele... nós não vemos o mundo mas aquilo que queremos ver... nós não sentimos o que sentimos mas aquilo que queremos sentir...

MARTA — Diz-me que sim!

CAMALEÃO 2 — Não!

MARTA — Sim!

CAMALEÃO 2 — Não!

MARTA — Não olhes para as minhas mamas. Não olhes para as minhas pernas! Não quero que me vejas. Não quero que me vejas.

CAMALEÃO 2 — Vem!

MARTA — Volta!

CAMALEÃO 2 — Consegues estar aqui e não estares? Tens tempo para mim? Por favor preciso de uma hora para falar, falar, sem parar.

MARTA — Sinto a tua falta, sinto sempre a tua falta, sinto sempre, sempre, sempre, sempre, a tua falta.

CAMALEÃO 2 — Fazes-me falta.

MARTA — Abre a porta, abre a porta eu não te mereço isto! Eu sei que estás aí!

CAMALEÃO 2 — Vai-te embora Marta, vai-te embora!

MARTA — Consigo abrir a fechadura, eu consigo! Não vês como é bonito mentires-me tanto e, ainda assim, adivinhar-te os passos, os gestos, tudo, tudo!

CAMALEÃO 2 — Vai-te embora, vai-te embora Marta!

MARTA — É difícil abrir esta porta, mas hei-de conseguir. Conseguir!

CAMALEÃO 2 — Morrer de amor por ti, morrer de amor por ti!

MARTA — Consegui, consegui!

CAMALEÃO 2 — Vai-te embora, vai-te embora!

MARTA — Olha-me nos olhos.

CAMALEÃO 2 — Olha-me nos olhos.

MARTA — Em silêncio, revisitemos.

CAMALEÃO 2 — Revisitemos.

MARTA — As nossas melhores esperanças!

CAMALEÃO 2 — Diz-me, diz-me!

MARTA — Vai-te embora. Vai-te embora Camaleão! Chupo. Chupo. O Senhor é o meu pastor e nada me faltará.

CAMALEÃO 2 — Não fazes falta ao teu Senhor. Que falta é que tu fazes? Diz lá?

MARTA — Nada me faltará.

CAMALEÃO 2 — Não fazes falta percebes? A ninguém!

MARTA — Eu vou a Caldas Novas com a minha filha, em Goiânia, Brasília! Queres ver uma foto da minha filha? Espera, o celular está a chamar. É uma amiga minha que se zangou com o marido. Não sei o que é que ela vê naquele velho.

CAMALEÃO 2 — Bate na mulher, no filho, na mãe, no pai, bate, bate com força! Bate, cabrão! Ama, cabrão! Ama cabrão! Atira o corpo uma, e outra vez, mais e mais, contra espelhos, contra tudo! Despedaça-te, corta-te e finge, finge ser prazer o prazer que deveras sentes.

MARTA — Vamos lá a acalmar senão fico nervosa e tenho que ter um orgasmo rapidamente! Vamos lá, calma! Primeiro: és muito óbvio! Numa hora queres ser o Brad Pitt, que não é Brad Pitt nenhum e depois, e depois... eu gosto é do António Fagundes!

CAMALEÃO 2 — Esse ainda é vivo?

MARTA — Olha, vamos lá a ver se a gente se entende. Segundo: eu gosto muito dos filmes do “Erre Pote”. Gostas dos filmes do “Erre pote”? Sim, ou não?

CAMALEÃO 2 — Sabes que consigo ser feliz contigo sem te pedir nada?

MARTA — És fogo, potente... Não quero fazer amor contigo agora. Tenho um cliente a seguir, depois, guardo tudo, tudinho para ti! Mais tarde, amor. Agora tenho de trabalhar. Tenho de fingir. Depois quero fingir contigo o prazer que deveras me dás.

CAMALEÃO 2 — Queres que te massaje os pés?

MARTA — Eu depois ligo-te amor... conversa agradável, boa companhia...

CAMALEÃO 2 — Quando é que te vais embora?

MARTA — Quando tiver dinheiro suficiente. Fugi 10000 quilómetros para longe da minha filha porque não lhe podia dar sustento. O meu amor por ela é suficiente? Achas que a amo? Qual a verdade que te faz chorar um pouco Camaleão?

CAMALEÃO 2 — Os meus filhos a correrem para mim e chamarem: “pai, pai, pai”!

MARTA — Três vezes!

CAMALEÃO 2 — Três vezes.

MARTA — Só quando aguentares viver com a dor ela vai deixar de existir. Nessa altura podes voltar a fingir, podes voltar a ter prazer, podes voltar a ser puta! Camaleoa, sua safada!

CAMALEÃO 2 — Eu gostava de ser estrela de novela brasileira! Levas-me contigo Marta?

MARTA — Como o Fagundes amor meu?

CAMALEÃO 2 — Não! Como o Brad Pitt! O Brad Pitt! Levas-me contigo, levas, por favor? Qual é mesmo a morada Marta? 20 ou 22?

—

MARTA — Nem 20 nem 22! É o número 1! Tens de passar pelo cabeleireiro, depois vem o larguinho, que já teve uma fonte, e é o nº 1. Rés-do-chão esquerdo!

CAMALEÃO 2 — Leva-me para Casa Marta.

CASA DE MAYA

MAYA — Um dia igual aos outros.

CAMALEÃO 4 — Uma noite ainda pior que as outras.

MAYA — Coitadinho! Saudinha, saudinha! Olha isto aqui são trinta euros. Obrigada. Vai-te lavar na casa de banho. Eu abro cortina. Tens aí produto para lavar mas tens produto diferente se não gostares desse, podes ser alérgico. Tens toalha. Vês? Toalha. Vou ligar música ambiente. Tudo muito sofisticado como podes ver, com muita sabedoria. Estás lavadinho? Podes vir. Vem, vem lá... queres que me sente. Sou um bocadinho maior que tu. Não tem problema pois não? Gostas de gajas grandes? ... Não, não, deita-te; lençol está lavadinho. Cheiroso. Isso, deita. Agora cala-te! Shiu! Vamos fazer o nosso acto de amor. Eu vou-me calar também e arfar um bocadinho assim... Tens aqui mamas para te regales. Regala-te com mamas! Isso, isso, bebé, muito bem. Já está. Chega de mamas. Agora vem cá. Eu deito-me e tu... deixa cá ver... teu espargo está crescido, precisa preservativo! Muito importante. Isso enfia espargo. Eu sou muito grande, grande, grande. Mamas ajudaram Gagarin! Yuri Gagarin a entrar em órbita! Já estás em órbita espargo? Ainda não estás em órbita. Como é que é possível? Não foi foguetão Sputnik que pôs Yuri Gagarin em órbita de planeta Terra, foram mamas de Maya! Mamas de Maya, grande sabedoria e sofisticação...

CAMALEÃO 4 — Pedras!

MAYA — Pedras não são poemas. São pedras!

CAMALEÃO 4 — Eu ia, eu ia, eu ia, eu não...

MAYA — Certas coisas... nunca acontecem.... espargo...

CAMALEÃO 4 — Nunca.

MAYA — Hemorragia é poesia de hemoglobina. Puchkin! Já não tenho esses demónios.

CAMALEÃO 4 — Vagina limpa, tão limpinha, tão asseada!

MAYA — Goza, goza espargo...

CAMALEÃO 4 — Poder o que não posso, ver o que não vejo, ah, sentir o que não sinto! Dá-me amor, amor! Ah, Maya, e agora, e agora?

MAYA — Tenho-te tanto! Vou dar gritos expressionistas, muitos gritos expressionistas! Ouves, sentes, gritos expressionistas? Tens espargo cada vez mais esparregado.

CAMALEÃO 4 — És bonita...

MAYA — Obrigada Camaleão! É a não pensares que encontras o caminho, é a não te teres que encontras o caminho, é a perderes-te que lá chegas, é a não seres que te tornas livre. Queres mais gritos expressionistas? *(de súbito triste)*

CAMALEÃO 4 — O que é que se passa?

MAYA — Sou professora de piano.

CAMALEÃO 4 — Podes tocar? Adorava ouvir-te tocar piano...

MAYA — Jazz, definitivamente, não.

CAMALEÃO 4 — Toca qualquer coisa?

MAYA — É preciso piano, Espargo! É preciso praticar... Trabalho copa, trabalho limpezas, tanto faz... Mamas Gagarin... Precisa praticar para tocar piano, e precisa piano... Muitas dificuldades! Piano. Eu sou professora e dificuldades... colocar pérolas de cultura na cabeça de crianças. Vai-te lavar. Tens lá produto, e outro produto se não gostares do produto, enfim, alergias... já sabes.

CAMALEÃO 4 — E toalha.

MAYA — Toalha é importante.

Queres mesmo saber? Queres mesmo? Sê uma colcha atirada da janela em dia de festa e não penses na poeira levantada pelos cascos em fúria. Pensa na almofada de penas, rasgada, resgatada, cada pena, em mil calvários. O que é que ajuda mais Gagarin? Foguetão ou mamas de Maya?

CAMALEÃO 4 — Não compreendo?

MAYA — Nem eu Camaleão! Fazes cada pergunta! Achas que se soubesse te andava a chupar o espargo?

CAMALEÃO 4 — Maya, se deixares de pagar as contas não é grave. É só dinheiro... Foges!

MAYA — Todos esperam um final feliz, não é Camaleão? Residencial Paraíso, 30 euros!

CAMALEÃO 4 — Foi bom?

MAYA — Pelo menos não doeu... Shiu... não peças desculpa a Maya meu espargo querido...sou mulher solteira... Deus quis assim e tenho homem assim. Pronto, homem-espargo, meu querido, não peças desculpa... "Tombe la neige" gostas?

CAMALEÃO 4 — Cheira bem a tua comida o que é?

MAYA — Papa.

CAMALEÃO — Papa?

MAYA — Papa, sim!

CAMALEÃO 4 — E quem são os santos que tens ali?

MAYA — A Santíssima Trindade, São Nicolau, Nossa Senhora de Kazan, que nos salvou de tártaros, tártaros, sabes? E Santa Elisabeta, por causa da minha filha Elisabeta.

CAMALEÃO 4 — Dizem que todas as desgraças serão bem-vindas no coração do justo pois é infinita a sua força e nele canta a voz do Senhor; dizem que não se abate a fé no seu coração! Dizem que nos braços do justo está o poder de transformar a terra e de elevar os guindastes da salvação. Dizem que se acendem asas nas espáduas dos que caem no abismo!

MAYA — “Tombe la neige” é tão bonito... Pelo menos não doeu. Não dói. Isso é bom, carinhoso... Desculpas de quê? Vive com elegância: música ambiente, sofisticação, sabedoria, papa na panela, santos na parede, mamás Gagarin e entras na órbita terrestre! Que queres mais? Sai com cuidado!

CASA DE ADRIANA

ADRIANA — Eh pá vieste logo agora que estava ali no quentinho da cama pá! Fosga-se que está um frio do caracete! Estão a dar os Simpsons pá, é porreiro, a Family Guy e aquelas merdas todas do zapping mental, muito ciclotrão, entre a almofadinha e o edredão! Hu, é do caracete! E tu queres foder pá? Podias ter dado mais um quarto de hora para eu acordar pá, são só 4 da tarde, eh pá isto ainda é ontem, percebes? És do caracete!

CAMALEÃO 3 — Mas a gente combinou às 4?!

ADRIANA — A gente combinou, a gente descombinou, eh pá és do caracete! Os gajos atrasam-se sempre pá! Os filhos da puta atrasam-se sempre! Não és filho da puta! Eh pá desculpa lá, mas eu sou... queres ver as mamas? Tirei agora o silicone, têm umas cicatrizes, eh, mas estão valentes, olha para elas a baloiçarem! Parecem, parecem, oh pá não se parecem com nada! Olha queres uma amiga minha para se juntar à festa?

CAMALEÃO 3 — Depende da amiga...

ADRIANA — São mais cinquenta, e olha que a gaja é boa, é toda real, como nas fotografias!...

CAMALEÃO 3 — Isso é muito.

ADRIANA — Então quanto é que tens?

CAMALEÃO 3 — Por hoje chegas tu.

ADRIANA — Estoril, Estoril! Eu adoro o Estoril Praia pá! Não fiques com essa cara de preta albina! Preta sou eu, mulatinha, e não sou albina! Eh pá, o Estoril Praia... eu adoro o Estoril Praia, mais a praia que o Estoril, mas olha que me sinto bastante dividida, percebes? É do caracete...

CAMALEÃO 3 — Mas estás com sono, estás a dormir!

ADRIANA — Eu! A dormir! Eh pá eu tou com um tesão incrível, tu nem queiras saber o que eu fodia se pudesse! Fodia a equipa toda do Estoril, os adeptos, os camones e os nadadores salvadores! “Socorro, socorro, estou-me a afogar!” É só a reinar meu! Eu nado que nem uma lontra! A gente tem de se rir um bocado, estás p’rai e... e? Estoril, Estoril, pipipi!

CAMALEÃO 3 — Tu não és uma boa profissional!

Eu também tenho que aturar gruhos e grunhas e toda merda de coisas e ...

ADRIANA — Estás muito fora meu! E o quê?

CAMALEÃO 3 — Ética!

ADRIANA — Foda-se! Estoril, pipipi! Ética é do caracete, pá! Eu tive com a gaja e ela... olha, tinha umas curvas, um... eu gosto de gajos... mas a ética, a ética tinha... um “je ne sais pas quoi” sabes, eu apaixonei-me por ela e tivemos casa pronta e, pensámos em adoptar, na Rússia, ou uma chinesa, também dava... não quero falar mais disso. Acabou. Chega! Estoril! Olha rapaz, vou-te dizer o seguinte...

CAMALEÃO 3 — O quê?

ADRIANA — Já disse: “o seguinte”! É só rir, meu! Não, espera lá, espera. Dá-me uma oportunidade para te mostrar a mulher que verdadeiramente sou! Olha que isto vem de dentro...

CAMALEÃO 3 — Mas quem é essa? Quem é essa? Vai lá chamar a tua amiga!

ADRIANA — Ela não vem por menos de cinquenta.

CAMALEÃO 3 — Só tenho 15... merda! Vou-me embora. Mas espera lá... onde é que estão as minhas calças? Viste as minhas calças? Isto não são as minhas calças, é um vestido de malha antracite!...

ADRIANA — Isso não é meu. Não posso com antracite! Só roupa interior polar, por causa do friozinho! Eh pá tu tens as mãos frias caraças, como é que queres que uma mulher aqueça?

CAMALEÃO 3 — Este vestido não são as minhas calças!

ADRIANA — Claro que não e também não é polar... portanto: Estoril, pipipi!

CAMALEÃO 3 — Estou farto de ti e da tua amiga...

ADRIANA — Mais cinquenta! Já pensaste em duas boquinhos a chuparem-te a ervanária, heim? Estás tão murcho meu... Já, sei, caracete (!), queimávamos um bocadinho da tua ervanária e fumávamos erva de gajo! Talvez a gaja baixe o preço, vou-lhe perguntar. Espera aí!

CAMALEÃO 3 — Espera lá, ninguém vai fumar a minha ervanária, percebeste?

ADRIANA — Tens de me dar uma oportunidade de te mostrar a verdadeira mulher que há em mim!

CAMALEÃO 3 — Tu não és real como as fotos.

ADRIANA — Não, são reais, praí vinte anos atrás, quando o cãozinho entrou no campo da Amoreira; a malta toda a rir; o árbitro a correr atrás do cãozinho...

CAMALEÃO 3 — Tu morreste não foi? Chamas-te Gilberta, não é?

ADRIANA — Sim, Gilberta... já morri...

CAMALEÃO 3 — Nunca trabalhaste neste ramo.

ADRIANA — Nem fui sindicalizada... não podia não era?

CAMALEÃO 3 — Morreste de ataque cardíaco. Fulminante!

ADRIANA — Pois foi.

CAMALEÃO 3 — Foste solteira a vida toda.

ADRIANA — Pois fui.

CAMALEÃO 3 — Eras virgem.

ADRIANA — Pois era.

CAMALEÃO 3 — Eras bonita.

ADRIANA — Sim, era.

CAMALEÃO 3 — A tua amiga não existe. Estiveste sempre só.

ADRIANA — Pois estive. Mas não tem mal ter uma amiga imaginária pois não?

CAMALEÃO 3 — Não.

ADRIANA — Então sempre arranhas os cinquenta euros?

CAMALEÃO 3 — Arranjo.

ADRIANA — Obrigada. Queres uma camisola polar?

CAMALEÃO 3 — Tens uma flor linda no teu cabelo!

ADRIANA — Ah pois é! Que bom. Que bom.

CASA DE VANDA

VANDA — Tu gostas de enrabar não gostas? Tu gostas, tu gostas muito de enrabar! Hu, hu! Ah, tens dedinhos de fada! Tu gostas de lamber não gostas? Tu gostas, gostas! Isso, isso lambe bem, come-me toda, isso, isso! Sabes, há clientes que enfiam o dedo todo pelo rabo acima e eh pá, oh, cuidado amigo, assim uma pessoa até se assusta! Tu gostas, não gostas? Vê-se logo que gostas! Isso dedinho de fada estimula bem a terminação nervosa!

CAMALEÃO 2 — Vânia...

VANDA — Vanda, Vanda, amigo!

CAMALEÃO 2 — Tu tens uma extraordinária fluência verbal...

VANDA — Sim, sim, tu gostas, vê-se que gostas! Eu li muito, adoro ler; trabalhei num call center e passava a vida a falar, a falar... Isso tu gostas mesmo! O meu padrao é empreiteiro. Isto agora para a construção civil está muito mau. Não tenho filhos mas é como se tivesse, uma irmã adolescente. Ai a terminação nervosa está a reagir, a reagir amigo! Vá gostas, tu gostas, tu gostas! Tenho doze gatos e um cão! Ai, fode a coninha um bocadinho, fode lá!

CAMALEÃO 2 — Devias emigrar Vânia!

VANDA — Vanda, Vanda! É agora, chegou a hora de enrabar! Vá mete-me esse caralho todo no cú!

CAMALEÃO 2 — Vai-te embora Vânia!

VANDA — Vanda, Vanda, Vanda! Ah, dá-me com força! Eu não posso emigrar com doze gatos e um cão; mas tu gostas, ah sim, tu gostas de enrabar! Enterra-me esse caralho todo no cú! Ai adora ser enrabada venho-me que nem uma doida! Ah, ah, tu gostas, tu gostas, meu cabrão! Ah, ah, pronto, já está! Cuidado, cuidadinho, eu adoro levar no rabo e o meu nome é Vanda, Vanda, não é Vânia, mas depois, ui, cuidadinho as terminações nervosas emitem uma ordem e...

CAMALEÃO 2 — É o call center!

VANDA — Fica logo fechadinho, fecha, automático, percebes? Ele há clientes que, pois, concretamente, claro está, não é (?) querem montar mais um bocadinho, gozar mais, mas o meu rabo, o meu rabo... não deixa, fechado, close! Gostaste, não gostaste? Eu tenho de fazer uma ginástica do caraças, inventar umas tretas de call center — “musica ambiente, vou passar a chamada, não desligue”, para o cliente ficar satisfeito! Ah, sim, tu gostas, eu sei que gostas, dar-lhes uns linguadinhos assim com a língua a mexer muito depressa, muito depressa! Gostas, não gostas, gostas destes linguadinhos?

CAMALEÃO 2 — Se emigrares, refere no teu curriculum vitae as terminações nervosas do teu rabo. Faz isso, tu não me conheces Vânia, mas...

VANDA — Vanda, Vanda! Eu faço isso, tu gostas não é? Eu faço isso... venho-me que nem uma perdida! Estavas no meu ritmo, ritmo, ritmo, gostas disso, ritmo, gostas disso, ritmo, gostas disso!

CAMALEÃO 2 — Gosto disso, eu gosto Vânia!

VANDA — Vanda, adeus, adeus.

CAMALEÃO 2 — Gosto, gosto, Vânia, Vanda, adeus, gosto, gosto disso!

VANDA — Adeus, adeus, adeus!

CAMALEÃO 2 — Ah, Vanda, Vânia, adeus, adeus, adeus, adeus...

VANDA — Vira à direita, é o 6, sobe, fode, sobe, fode, sobe, fode, sobe, fode!

CASA DE SOFIA 2

(ao telefone)

CAMALEÃO 1 — Quais são as condições? Quais são as condições? Quais são as condições?!

SOFIA — Fingir, sonhar, sonhar, sonhar, fingir, não é difícil!

CAMALEÃO 1 — Difícil é compreender...

SOFIA — Como assim?! Contornas a rotunda. Há sempre, sempre, lugar para estacionar o carro; vais ao número 38, ao número 72, 3º andar, rés-do-chão. Telefona! Antes. Cinco minutinhos. Querido, amor, amor, querido, querido amor, amor, querido. Beijinhos. 3º andar, rés-do-chão. Foi azar passar o homem do lixo, foi azar passar a vendedora da Remax, foi azar a senhora que descia, a criança que espreita na porta do prédio à espera de alguém.

CAMALEÃO 1 — Quem? Quem?

SOFIA — Foi azar! Todos, todos transgridem a Lei.

CAMALEÃO 1 — Não pode ser, não pode ser!

SOFIA — Estás triste? Ela foi-se embora? Anima-te homem! Mulher é como biscoito, vai uma, vêm logo oito! Mulher é como biscoito, vai uma vêm logo oito.

CAMALEÃO 1 — Queres casar comigo? Chama-se o padre, outra princesa que sirva de testemunha e seremos felizes para sempre, só hoje.

SOFIA — “Só hoje” soa-me perfeito.

CAMALEÃO 1 — Ser feliz para sempre “só hoje”, “só hoje”!

SOFIA — “Só hoje”, agora, agora, agora! Setenta euros!

(acaba telefonema)

SOFIA *(com temor)* — Não me mordas os braços! Por favor não me mordas os braços! *(simpática)* Tu estás bem! Eu também não estou nada mal! Não achas? Estás envergonhado? Ainda não estás envergonhado! Daqui a pouco talvez?... És estranho, fazes-me lembrar um martelo a bater chapa! Posso saber o teu nome? Não interessa, ias mentir... Posso chamar-te Paulo? Posso?

CAMALEÃO 1 — Ai amor, princesa, finge, finge tão completamente que me consigas enganar! Finge, finge, amor, finge, diz o meu nome, diz o meu nome...

SOFIA — Paulo, Paulo...

CAMALEÃO 1 — ...finge, finge que é prazer o prazer que deveras sentes!

SOFIA (*sincera*) — Beija-me, Paulo, mas não me mordas os braços. Pensei em ti a noite toda, a noite toda. (*eloquente; voz grave*) Que fizeste da tua vida Paulo na senda de Damasco? Não ouves as notícias? Síria? Seria Síria Paulo? Para onde foste, guerreiro antigo? (*ardente*) Beija-me, já sabes como adoro a tua boca, mas não me mordas os braços!

CAMALEÃO 1 — Finge, finge...

SOFIA (*com entusiasmo*) — Vais ver que resulta viver! Viver resulta se não tiveres medo! Não tenhas medo Paulo! Olha para mim: sem unhas, sem dedos, sem mãos, sem cabelos, olha para mim sem dentes, sem olhos, olha para mim, pelo lado de dentro de mim! És capaz de olhar para mim pelo meu lado de dentro? (*feliz*) Mergulha Paulo, nada a noite inteira!

CAMALEÃO 1 — Engana-me com ternura, pede-me as coisas que te peço que digas, pede-me as coisas miúdas, pede-me espuma, escândalo, pede-me verdes anos que eu peço-te azul viagem, pede-me contas, por favor, só no fim! Só no fim... finge, finge...

SOFIA (*com ironia*) — Sabes que a (in)felicidade está na moda? Estás in, Paulo! (*paixão*) Arrebata-me, dança, mexe, essa cintura! Agarra-me como quem dança um tango numa siderurgia, entre salpicos de aço e nuvens de fogo! Apaixona-te desmesuradamente, doentiamente, apaixona-te com tudo o que tens e não tens! Inventa-te! Imagina-te! Faz do inferno luz, e da luz um inferno amargo e doce!

CAMALEÃO 1 — Finge, finge, amor, finge, diz o meu nome, diz o meu nome...

SOFIA (*neutra*) — Beija-me os pés Paulo, com exactidão e Graça. (*épica; voz grave*) Abraças-me os joelhos como o Grego em homenagem? Ah, Grécia, ah Roma, que me fizeram Imperatriz?! Foste raiva seca e dizias: (*em sussurro*) "Natureza quebra-me os ossos, frita-me o cérebro!" (*surpresa*) Ajoelhas-te a chorar porque era manhã cedo? (*compaixão*) Meu querido Paulo foi limpa e suja a nossa vida Paulo, meu querido, foi limpa e podre como garum de Cádiz! Couraças de seda, chapa martelada de beijos Paulo! (*firmeza*) Se me queres abraçar os joelhos abraça, abraça com força e parte-me as pernas! Vá, não és capaz? Então parte as tuas pernas à martelada e arrasta-te como um lagarto, aos gritos, Paulo, que eu fico muda porque comi a língua!

CAMALEÃO 1 — (*confuso*) Meu Deus, meu Deus...

SOFIA — (*cruel*) Vamos partir as pernas, vamos partir as pernas Paulo! Por ti, por mim, por nós e os outros, por ele, por ela, por isto, por elas... pelas marcas negras nos meus braços! (*patética*) Já reparaste como brilham?

CAMALEÃO 1 (*desesperado*) — Deus é abandono, não é pai! Pai?! Pai!

SOFIA (*melancólica*) — Acho que somos todos estranhos: sombrios e luminosos! (*descobrimo naquele momento*) Deixa-me dizer-te uma última coisa, a única coisa que vale a pena saberes acerca de mim: só eu, só eu posso morder os meus braços. É um direito que me assiste, percebeste? (*devagar, em lágrimas*) Morde os teus braços Paulo, morde os teus braços, meu querido!

CAMALEÃO 1 — Eu não desisto de ti nunca, nunca, eu não desisto, até ver aquela... aquela centelha nos teus olhos!...

SOFIA (*com desespero luminoso*) — Morde os teus braços Paulo que eu mordo os meus, morde os teus braços Paulo, que eu mordo os meus! (*neutra*) Morde os teus braços, que eu mordo os meus.

CAMALEÃO 1 — Não se acaba assim uma conversa!

SOFIA — Então como é que se acaba uma conversa? (*sai*)

FIM